

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 5

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADOR)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 5

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADOR)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^ª Dr^ª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Dr^ª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^ª Dr^ª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfnas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^ª Dr^ª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^ª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^ª Dr^ª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^ª Dr^ª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof^ª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^ª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof^ª Dr^ª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^ª Dr^ª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^ª Dr^ª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof^ª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Prof^ª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof^ª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof^ª Dr^ª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Prof^ª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof^ª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Prof^ª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof^ª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof^ª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos 5 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-5706-875-5
 DOI 10.22533/at.ed.755210403

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.
 CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS – VOL. V**, coletânea de vinte e um capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse quinto volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos em linguística; estudos sobre formação docente e ambiente escolar; e estudos sobre inclusão.

Estudos em linguística, com treze contribuições, traz análises sobre interacionismo sociodiscursivo, análise discursiva, dialogismo em narrativas orais, linguagem e direito, livro didático e gêneros textuais.

Em estudos sobre formação docente e ambiente escolar, com seis capítulos, são verificadas contribuições que versam sobre internacionalização universitária, formação docente e ensino de leitura, base nacional curricular, gestão universitária e bibliotecas escolares.

Por fim, estudos sobre inclusão, com dois estudos, aborda questões como surdez e LIBRAS.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O QUADRO TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICO DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO E O SIGNO SAUSSURIANO COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL

Barthyra Cabral Vieira de Andrade
Rafaela Cristina Oliveira de Andrade
Francisca Raquel Alves Moreira

DOI 10.22533/at.ed.7552104031

CAPÍTULO 2..... 13

ANÁLISE DISCURSIVA EM TOADAS DE BOI BUMBÁ

Maria Celeste de Souza Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.7552104032

CAPÍTULO 3..... 26

É POSSÍVEL TEMATIZAR SABERES E PRÁTICAS JURUNA POR MEIO DE CAMPOS LEXICAIS ESPECÍFICOS?

Iago David Mateus

DOI 10.22533/at.ed.7552104033

CAPÍTULO 4..... 38

O DIALOGISMO EM NARRATIVAS ORAIS DE MORADORES DA COMUNIDADE MACURANY, EM PARINTINS-AM

Almiro Lima da Silva

DOI 10.22533/at.ed.7552104034

CAPÍTULO 5..... 52

A CRISE DA LEGITIMIDADE: ANÁLISE DO DISCURSO DE PODERES LOCAIS

Carolline Leal Ribas

DOI 10.22533/at.ed.7552104035

CAPÍTULO 6..... 66

UMA LEITURA DA VIRGINDADE FEMININA NO ORDENAMENTO JURÍDICO CÍVIL BRASILEIRO: A (RE)CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE

Claudia Maris Tullio
Cindy Mery Gavioli-Prestes

DOI 10.22533/at.ed.7552104036

CAPÍTULO 7..... 79

TEMPO E ESPAÇO EM CARTAS ESCRITAS POR MULHERES EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE

Bárbara Luísa Teixeira Diniz da Fonseca Fulton
Maria Eduarda Faria de Souza
Cristiane Carneiro Capristano

DOI 10.22533/at.ed.7552104037

CAPÍTULO 8	92
CONCEPÇÕES DE APRENDIZAGEM NAS ATIVIDADES DE UM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DESTINADO AO 9º ANO	
Jeniffer Streb da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7552104038	
CAPÍTULO 9	110
O ANÚNCIO PUBLICITÁRIO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: DETERMINAÇÕES E REPERCUSSÕES DO PARECER CNE/CEB Nº 15/2000	
Nathalee Paloma Souza Vieira	
Shirlei Marly Alves	
DOI 10.22533/at.ed.7552104039	
CAPÍTULO 10	126
AS TIPOLOGIAS INTERTEXTUAIS NAS PERSPECTIVAS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL E DA TEORIA DOS GÊNEROS: ANÁLISES DAS CLASSIFICAÇÕES TIPOLÓGICAS NO PORTAL WEB EDUCATIVO “EDUCAÇÃO.PORTUGUÊS”	
Mirna Bispo Viana Soares	
DOI 10.22533/at.ed.75521040310	
CAPÍTULO 11	142
O GÊNERO COMENTÁRIO <i>ONLINE</i> NA ESCOLA: DESENVOLVENDO HABILIDADES PARA UMA COMPREENSÃO RESPONSIVA E ÉTICA	
Eliane Pereira dos Santos	
Maria Francisca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.75521040311	
CAPÍTULO 12	155
O ENSINO DO GÊNERO TEXTUAL PETIÇÃO INICIAL – UMA EXPERIÊNCIA COM SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
Claudia Maris Tullio	
Cindy Mery Gavioli-Prestes	
DOI 10.22533/at.ed.75521040312	
CAPÍTULO 13	166
O GÊNERO FÁBULA COMO UMA PROPOSTA DE ENSINO DA LEITURA E INTERAÇÕES NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Antonieta Cabral da Silva	
Janailma Ramos da Silva	
Lidiane da Silva	
Maria Aparecida de Albuquerque Fernandes Ramalho	
Zilma Alves Araújo Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.75521040313	

CAPÍTULO 14	178
OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS EM LÍNGUA INGLESA NA PERSPECTIVA DA INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA	
Walkiria França Vieira e Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.75521040314	
CAPÍTULO 15	200
PROFESSOR MEDIADOR DE LEITURA: A IMPORTÂNCIA E A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE LEITURA	
Vanusia Amorim Pereira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.75521040315	
CAPÍTULO 16	212
O DISCURSO DOCENTE SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE EFEITOS DE SENTIDO SOBRE O DOCUMENTO	
Geraldo Generoso Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.75521040316	
CAPÍTULO 17	226
AUTORRETRATO DE PROFESSORES DE INGLÊS DA ESCOLA PÚBLICA EM SANTARÉM: UMA DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA	
Nilton Hitotuzi	
DOI 10.22533/at.ed.75521040317	
CAPÍTULO 18	242
O GESTOR UNIVERSITÁRIO E SEU DISCURSO	
Karina Coelho Pires	
Mercedes Fátima Canha Crescitelli	
DOI 10.22533/at.ed.75521040318	
CAPÍTULO 19	255
BIBLIOTECAS ESCOLARES NO MUNICÍPIO DE IRATI - PR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	
Regina Chicoski	
DOI 10.22533/at.ed.75521040319	
CAPÍTULO 20	274
DESAFIOS PARA FORTALECER A SURDIDADE: ANÁLISE DA PROPOSTA DE REDAÇÃO ENEM-2017- QUE LUGAR OCUPAMOS NA HISTÓRIA ATUAL?	
Giovana Maria de Oliveira	
Silvana Elisa de Moraes Schubert	
DOI 10.22533/at.ed.75521040320	
CAPÍTULO 21	285
TEMAS E ACESSÓRIOS PARA MEDIAÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM LIBRAS	
Alexsandra de Melo Araújo	
Márcia Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.75521040321	

SOBRE O ORGANIZADOR.....	298
ÍNDICE REMISSIVO.....	299

CAPÍTULO 4

O DIALOGISMO EM NARRATIVAS ORAIS DE MORADORES DA COMUNIDADE MACURANY, EM PARINTINS-AM

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 03/12/2020

Almiro Lima da Silva

Universidade Federal do Amazonas-UFAM
Manaus-AM

<http://lattes.cnpq.br/0949712483304208>

RESUMO: Este artigo objetiva analisar, na perspectiva dialógica bakhtiniana, a construção do sentido de comunidade em três narrativas orais de moradores da comunidade Macurany, em Parintins-AM. Para tanto, compreendemos o dialogismo como constitutivo da linguagem, como o diálogo existente entre enunciados/discursos, de onde surge o sentido da palavra (enquanto signo ideológico por excelência) no uso real da língua. Partindo do dialogismo, apresentamos outros conceitos que o constituem, a saber, o de signo ideológico e de sujeito, o de gêneros do discurso, de enunciado e enunciação. Expomos também algumas noções do conceito de comunidade encontradas na Antropologia e na Sociologia, bem como delineamos brevemente o contexto sócio-histórico da comunidade Macurany. Entre os teóricos utilizados, destacamos Bakhtin/Volochinov (2009), Bakhtin (2011), Sobral (2009) e Brait e Melo (2012). Nos resultados, identificamos nas narrativas o sentido de comunidade decorrendo da formação ideológica cristã católica, de forma que os sujeitos entrevistados só admitem a existência da comunidade a partir da implantação oficial da

igreja na localidade.

PALAVRAS - CHAVE: Dialogismo. Sentido. Comunidade.

THE DIALOGISM IN ORAL NARRATIVES BY RESIDENTS OF THE MACURANY COMMUNITY, IN PARINTINS-AM

ABSTRACT: This article have like objective to analyze, in the dialogical perspective bakhtiniana, the construction of the sense of community in three oral narratives of residents of the Macurany Community, in Parintins-AM. Therefore, we understand dialogism as constitutive of language, as the existing dialogue between utterances / discourses, from where the meaning of the word (as an ideological sign par excellence) arises in the real use of language. Starting from dialogismo, we present other concepts that constitute it, namely, that of the ideological sign and of the subject, that of the genres of discourse, of utterance and enunciation. We also expose some notions of the concept of community found in Anthropology and Sociology, as well as briefly outlining the socio-historical context of the Macurany community. Among the theorists used, we highlight Bakhtin / Volochinov (2009), Bakhtin (2011), Sobral (2009) and Brait and Melo (2012). In the results, we identified in the narratives the sense of community resulting from the Catholic Christian ideological formation, so that the interviewed subjects only admit the existence of the community after the official implantation of the church in the locality.

KEYWORDS: Dialogism. Sense. Community.

1 | INTRODUÇÃO

A análise aqui realizada tem como base teórica os estudos empreitados pelo Círculo de Bakhtin, que concebe o dialogismo como constitutivo da linguagem. Trata-se de uma tentativa de aplicar este conceito e outros dele decorrentes em três casos concretos de uso da linguagem. Desta forma, objetiva-se analisar três narrativas orais de moradores da comunidade Macurany, procurando identificar que vozes as atravessam e colaboram para construir o sentido de comunidade. As narrativas se realizaram no gênero discursivo entrevista científica, no campo das ciências humanas, mais especificamente no âmbito da história oral, na oportunidade em que pesquisamos a história da comunidade Macurany em 2012 e 2013.

A fim de perseguir os objetivos propostos, iniciamos com uma breve apresentação do conceito de dialogismo, onde o mesmo é definido como o diálogo entre enunciados/discursos constitutivos do funcionamento real da linguagem (SOBRAL, 2009). Em seguida, tratamos do signo ideológico e do sujeito, apresentando o signo como sendo todo material físico que possua conteúdo semiótico, que indique uma realidade fora de si; e o sujeito constituído na medida em que sua consciência vai se impregnando de tais signos. Na sequência, é apresentado o conceito de gêneros discursivos, que são tipos relativamente estáveis de enunciados (BAKHTIN, 2009). Discorreremos também sobre o enunciado, que são respostas a outros enunciados, aos precedentes e aos futuros, sempre irrepetíveis, únicos, frutos da enunciação, que, por sua vez, é o acontecimento da transformação das unidades da língua em enunciado, numa dada situação concreta da vida, possui caráter social, cultural e histórico (BRAIT e MELO, 2012).

Foi necessário também apresentarmos algumas noções do conceito de comunidade, da mesma forma que fizemos uma breve contextualização histórica da comunidade Macurany e de seus moradores. Por fim, temos a análise dialógica das narrativas. Aí, observamos os enunciados atravessados pelo ponto vista cristão católico, dando um sentido religioso ao termo comunidade, em oposição a outros sentidos possíveis. Ressaltamos a não pretensão deste trabalho de fazer generalização, acreditando que todos os moradores da referida comunidade dão este sentido a ela. Pelo contrário, o resultado desta análise diz respeito apenas aos sujeitos e enunciados analisados.

2 | O DIALOGISMO

Vale dizer, de início, que o conceito de dialogismo para o Círculo de Bakhtin decorre de uma visão “arquitetônica” da linguagem, de um olhar “totalizante”, que procura ver o processo de produção de sentido na sua “inteireza”, observando o fenômeno discursivo como um todo. Esta perspectiva leva em consideração os sujeitos dotados de linguagem agindo no mundo, em situações concretas e históricas. Trata-se, dessa forma, de um conceito bastante amplo, de cunho “filosófico”, “discursivo” e “textual” (SOBRAL, 2009).

Assim, o dialogismo evoca o termo diálogo, que é entendido em sentido amplo nos estudos bakhtinianos. Refere-se à base constitutiva de todo enunciado, da linguagem, e não simplesmente ao diálogo face a face entre dois ou mais interlocutores. Por isso, podemos afirmar que qualquer enunciado/discurso é constituído por outros enunciados/discursos. O que falamos ou escrevemos não tem sua origem em nós, mas surge do processo de “interação” com outros sujeitos em determinados contextos sociais e históricos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009).

Nesse sentido, Sobral (2009) apresenta três planos distintos do dialogismo: o primeiro consiste na “condição essencial do próprio ser e agir dos sujeitos”, ou seja, o sujeito humano não existe apenas biologicamente, mas sua “existência está fundada na diferença”, no confronto e na relação com os outros sujeitos; o segundo tem a ver com “a condição de possibilidade da produção de enunciados/discursos” e, conseqüentemente, do sentido, isto é, o sentido surge do “diálogo” entre enunciados/discursos passados e aqueles futuros, porém “levando em conta formas textuais tipicamente presentes em discursos”, expressar-se é sempre um ato de responder e, ao mesmo tempo, de suscitar resposta; o terceiro refere-se à “base de uma forma de composição de enunciados/discursos, o diálogo”. Em outras palavras, não há discurso monológico puro. Por mais que alguém fale para si mesmo, no seu interior, aquilo que esse sujeito disser estará sempre constituído por outras vozes.

De tal maneira, o dialogismo aparece como princípio constitutivo da linguagem e designa o modo real de funcionamento da língua. Por ser de grande abrangência, esta noção ficará mais compreensível após a exposição dos conceitos a seguir, com os quais está relacionada.

3 | O SIGNO IDEOLÓGICO E O SUJEITO NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, a ideologia, o signo e o sujeito estão inter-relacionados, de forma que um depende dos outros para existir. Segundo Bakhtin/Volochínov (2009, p.31), “Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*”. Neste sentido, signo pode ser qualquer objeto material físico, a saber, imagens, sons, cores, e etc., desde que possua um conteúdo semiótico, isto é, que signifique, reflita e refrate outra realidade fora de si.

Assim, a ideologia constitui uma representação da realidade do mundo para o sujeito por meio de signos. Dentre os vários signos existentes, o signo linguístico merece destaque, por seu alto potencial de significar, de servir a diversas ideologias. Bakhtin/Volochínov (2009, p.36) afirma que “*A palavra é o fenômeno ideológico por excelência*”. A palavra presta-se aos mais variados interesses dos diferentes grupos sociais, ela serve para mediar as relações sociais no processo de comunicação. Diferente dos demais

signos, ela não se prende a um domínio ideológico específico. Para o Círculo bakhtiniano, a palavra em si é neutra, o sentido dela surge quando o sujeito a toma a fim de comunicar-se em determinada situação concreta da vida.

Agora quanto ao sujeito humano, na sua inter-relação com a ideologia e com o signo, podemos afirmar que ele vai se constituindo na medida em que sua consciência vai se formando. O processo de formação da consciência se dá por meio de signos, conforme a psique do indivíduo impregna-se deles. É o que diz Bakhtin/Volochínov (2009, p.34): “A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social”.

Dessa forma, aquilo que o sujeito diz/faz ao expressar-se é uma construção sócio-ideológica. Mas não é totalmente determinado por fatores sociais e ideológicos, ele (o sujeito) também age individualmente na sociedade, responsabilizando-se por seus atos e segundo avaliações/valorações inerentes a suas ações. Por isso, o sujeito também é fundamental para a construção da sociedade. A propósito dessa questão, Sobral (2009, p.48) afirma:

A construção ideológica do mundo afeta o psiquismo, mas não pode existir sem ele; ela e o psiquismo estão inseridos no ambiente social e histórico, marcado por divisões de vários tipos, que é tanto seu contexto e condição de possibilidade como produto de sua ação: assim como dependem do ambiente social e histórico para existirem, a ideologia e o psiquismo constituem esse mesmo ambiente.

Considerando esta afirmação, compreendemos a identidade do sujeito como “relativamente fixada”, uma vez que sua consciência ou psiquismo está em constante formação num processo dialético de mútua constituição com a sociedade e com a história. Isso acontece gradativamente, na medida em que o sujeito “reconhece seu ser pelo outro”, e quando desloca-se “de suas posições individuais” em função das relações que estabelece com os outros. (SOBRAL, 2009)

A partir da identidade que o sujeito forma, estabelecendo individualmente uma relação com a sociedade e com singular assimilação dos signos, ele age segundo visões de mundo a que se identifica, considerando suas ações boas ou más, bonitas ou feias, morais ou imorais e etc. Essas visões de mundo geralmente pertencem à formação social a que o sujeito participa, mas ele sempre age responsivamente, respondendo ao outro e responsabilizando-se por isso.

4 | OS GÊNEROS DO DISCURSO

Para a perspectiva bakhtiniana, o uso da língua se dá sempre dentro de uma esfera da atividade humana por meio de enunciados concretos. Os diversos campos de atividade humana estão ligados a questões sociais e culturais, e implicam domínios discursivos, como por exemplo: o jornalístico, o artístico e literário, o religioso, e etc. Cada domínio

determina e organiza seus gêneros discursivos, que são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p.262).

Tais enunciados são relativamente estáveis porque refletem as condições e interesses das esferas de atividade humana, as quais evoluem no decorrer da história e, por consequência, possibilitam transformações nos gêneros, assim como o desaparecimento de alguns e o surgimento de outros. Desta maneira, segundo Bakhtin (2011, p.262), esses tipos de enunciados constituem-se de três elementos relacionados indissociavelmente, qual seja, “o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional”.

O conteúdo temático designa o domínio que abarca todos os assuntos possíveis aos enuncias de dado campo de comunicação humana. O estilo refere-se a escolha de determinadas formas linguísticas para a realização dos enunciados, como por exemplo, a escolha de certas palavras e etc. Já a construção composicional envolve a estruturação do enunciado (um artigo científico, por exemplo, compõe-se de título, nome do autor, resumo, introdução e etc.).

Além disso, a respeito da heterogeneidade dos gêneros discursivos, Bakhtin (2011, p. 263) atenta para a existência de dois grandes grupos: “os primários (simples) e secundários (complexos)”. Os primários realizam-se geralmente em condições discursivas imediatas, privadas, informais, predominantemente na oralidade e tratam assuntos do cotidiano. Podemos citar a saudação, o diálogo oral entre duas ou mais pessoas, o bilhete, o torpedo e etc. Os secundários realizam-se em contextos formais, em ambientes culturais mais desenvolvidos. São geralmente públicos, predominantemente escritos e incorporam na sua estrutura diversos gêneros primários. Podemos citar o romance, uma reportagem, uma tese científica e etc.

Ainda a respeito dos gêneros, vale destacar que por decorrem das necessidades de comunicação nas esferas de atividade humana e por estas serem tão diversas, também os tipos de enunciados são extremamente diversificados.

5 | ENUNCIÇÃO E ENUNCIADO

Bakhtin/Volochínov (2009, p.113), contrapondo-se a duas orientações do pensamento filosófico linguístico, o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista, postula que “A enunciação é de natureza social”. Isto implica que a organização mental do dizer do sujeito é de certa forma determinada pelo contexto social imediato e mais amplo, pela interação entre sujeitos.

A propósito da noção de enunciação presente em *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009), Brait e Melo (2012, p.68) dizem:

Um dos méritos dessa obra é justamente ter difundido a ideia de enunciação, de presença de sujeito e de história na existência de um enunciado concreto, apontando para a enunciação como sendo de natureza constitutivamente

social, histórica e que, por isso, liga-se a enunciações anteriores e a enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular discursos.

Assim, a enunciação possui um caráter histórico, único (irrepetível), situado no tempo e no espaço. E desse modo, a enunciação constitui a natureza do enunciado, na medida em que a situação extra-verbal engendra o discurso verbal, exatamente quando as unidades da língua ganham sentido, ou seja, transformam-se em enunciado.

Neste sentido, para definir o enunciado, Bakhtin (2011) o opõe às unidades da língua (palavras, orações) que isoladas do contexto social, cultural e histórico, só possuem o potencial para significar quando forem tomadas no uso real de comunicação humana, na interação intersubjetiva. De tal maneira, o autor define o enunciado como sendo sempre uma resposta a outros enunciados precedentes e a posteriores, ao passo que também suscita resposta, pois procede de um sujeito e é direcionado para outro.

Seguindo este raciocínio, Bakhtin, (2011, p.275) diz que:

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois de seu término, os enunciados responsivos dos outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão).

Dessa forma, “Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p.289) e assim, sendo uma resposta, designa um posicionamento valorativo/avaliativo de determinado sujeito em relação a um certo objeto ou situação a que se refere, suscitando por seu acabamento a compreensão responsiva de outro (os) sujeito (os). Considera-se um enunciado acabado quando ele possibilita uma resposta ativa e responsiva.

6 | O CONCEITO DE COMUNIDADE: ALGUMAS NOÇÕES

Como já foi dito, a palavra enquanto signo ideológico pode servir aos diversos interesses nas diferentes esferas da atividade humana. Aqui, a respeito do termo comunidade, apresentaremos algumas noções encontradas no campo científico, mais especificamente na antropologia e na sociologia.

Na antropologia, Wagley (1988, p. 44), na obra *Uma comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos*, afirma:

Por toda parte as pessoas vivem em comunidade – em bandos, em aldeias, em núcleos agrícolas, nas pequenas e nas grandes cidades. Nas comunidades existem relações humanas de indivíduo para indivíduo, e nelas, todos os dias, as pessoas estão sujeitas aos preceitos de sua cultura. É nas suas

comunidades que os habitantes de uma região ganham a vida, educam os filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações, adoram seus deuses, têm suas superstições e seus tabus e são movidos pelos valores e incentivos de suas determinadas culturas. Na comunidade a economia, a religião, a política e outros aspectos de uma cultura parecem integrados e formam parte de um sistema geral de cultura, tal como o são na realidade.

Esta noção aparece muito ligada à cultura, de modo que a comunidade é vista como parte de um todo integrado (de uma região ou país, por exemplo), sendo que esta parte reflete traços culturais de um todo ao mesmo tempo em que ela possui suas particularidades. Já na sociologia, a comunidade concebida como um dos níveis de organização social pode ser definida tal como Maclver & Page (1973, p.112) dizem:

Onde quer que os membros de qualquer grupo, pequeno ou grande, vivam juntos de modo tal que partilhem, não deste ou daquele interesse, mas das condições básicas de uma vida comum, chamamos a esse grupo comunidade.

Assim, para estes autores, as condições básicas de vida comum referem-se ao fato de os indivíduos, membros de um grupo, partilharem uma localidade e um sentimento de comunidade. Isto é, neste sentido só existe comunidade em uma localidade, onde os indivíduos vivem unidos num sentimento comum, de pertencimento ou de identificação, o que confere ao grupo uma certa coesão social.

Diante dessas duas noções de comunidade, vale ressaltar que elas não são as únicas dentro de suas respectivas áreas de conhecimento. Na sociologia, por exemplo, podemos ainda fazer menção a outras noções: à de Weber (1973) que compreende comunidade a partir das relações sociais; também à noção de Bauman (2001, p.134), que, no mundo globalizado, só vê a possibilidade de uma comunidade existir se esta for “tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos”, uma vez que a antiga comunidade, entendida como um lugar seguro para se viver, só já existe em sonho.

7 | COMUNIDADE MACURANY: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A comunidade Macurany localiza-se no sul da ilha Tupinambarana, onde está situada a cidade de Parintins-AM. Fica numa distância de 8km da área urbana, com acesso por estrada e constitui atualmente uma área de expansão urbana. Cerca de 110 famílias possuem moradia fixa na localidade, sem contar com os moradores dos loteamentos e conjuntos habitacionais implantados recentemente na área da comunidade. Devido a proximidade com a cidade, a história da comunidade, em grande parte, confunde-se com a história da própria cidade de Parintins.

O município de Parintins está localizado na sub-região Baixo Amazonas (SILVA,

2009) e sua constituição histórica foi fortemente influenciada pela Igreja Católica, sem fugir à regra do processo histórico brasileiro. Na Amazônia brasileira, o catolicismo se estabeleceu a partir do século XVII e constituiu-se uma das faces do processo de colonização da região (OLIVEIRA, 2012). Em Parintins, os primeiros missionários jesuítas chegam 1660 (SILVA, 2009).

Segundo Bittencourt (1924), Parintins foi elevada à categoria de Vila e Município em 15 de outubro de 1852, com o nome de Villa Bela da Imperatriz e foi elevada à categoria de cidade em 30 de outubro de 1880, dessa vez com a denominação de Parintins. Outro fato que vale destacar é a criação da Prelazia de Parintins em 1955 e a ordenação do primeiro bispo, Dom Ancângelo Cerqua, em 1961. A partir desse momento, iniciou-se um trabalho intenso da Igreja Católica em Parintins e nos municípios vizinhos, principalmente com a atuação dos missionários do Pontifício Instituto das Missões Exteriores – PIME, que fundaram muitas comunidades eclesiais de base, tanto na área urbana quanto na rural (CERQUA, 1980).

Conforme pesquisa (SILVA, 2013), nesta época, na localidade Macurany festejavam-se São Domingos, Santa Luzia, São Sebastião e outros. Os missionários começaram aí um trabalho de catequese na casa dos moradores, o que culminou com a fundação da comunidade eclesial de base Santa Luzia do Macurany, em 1969. Este acontecimento influenciou diretamente a organização social dos moradores, pois foi instituída uma diretoria eclesial comunitária que além de cuidar das questões religiosas, tratava também de assuntos de interesse político e social, colocando em grande parte as formas de sociabilidade sob o controle da igreja, como por exemplo: o time de futebol Atlético Clube Macurany, antes sem vínculo com a religião, passou a chamar-se Atlético Clube Santa Luzia do Macurany e, a partir daí, para tornar-se membro da equipe era necessário frequentar a igreja.

Do ponto de vista sociológico, conforme as noções apresentadas na seção anterior, os moradores já viviam em comunidade antes da chegada da igreja, pois partilhavam a mesma localidade, os mesmos costumes e valores. Aí pode-se destacar o trabalho coletivo denominado puxirum, o time de futebol, a praticavam do catolicismo popular, a realização de festas dançante e etc. O aspecto econômico caracterizava-se pela pesca, agricultura e extrativismo. Deste modo, o que aconteceu com a chegada da igreja foi uma ressignificação dessas práticas a partir de uma perspectiva religiosa católica.

Concomitante a estas mudanças ocorre ainda, da década 1960 aos dias atuais, uma transformação no modo de vida dos moradores que transitam de um estilo de vida comunitário para outro de caráter mais individualista ou capitalista. Na última década, aumentou bastante a especulação imobiliária na localidade, devido principalmente ao crescimento urbano da cidade de Parintins, o que levou à implantação de loteamentos e conjuntos habitacionais na área da comunidade. Tais ações de cunho capitalista causaram vários danos ambientais, levando os moradores a fundarem em 2010 uma associação comunitária com o intuito de lutarem contra estas questões e por melhores condições de

vida (SILVA, 2013).

Atualmente, a comunidade caracteriza-se por seus membros serem predominantemente católicos, bem como pelos setores econômicos e sociais constituírem-se de atividades diversificadas. Os comunitários têm como fonte de renda a pesca, pequenas plantações e criações, o trabalho na construção civil, aposentadorias, pequenos comércios, alguns são funcionários públicos etc. A comunidade vive uma tensão social na iminência de tornar-se um bairro da cidade de Parintins.

8 | O DIALOGISMO NAS NARRATIVAS ORAIS DE MORADORES DA COMUNIDADE MACURANY

Como vimos na seção 3 deste trabalho, todo uso real da língua ou todo ato de comunicação humana se dá sempre por meio de um gênero discurso e em uma dada esfera de atividade humana. Por isso, ressaltamos, de início, que as narrativas aqui analisadas realizam-se no gênero discursivo entrevista, realizadas conforme a metodologia da História Oral (o uso das entrevistas aqui passou por avaliação ética e foi aprovado pelo CEP, conforme CAAE: 56586416.9.0000.5015 e número do parecer: 1.745.911, em 26/09/2016). Tais entrevistas foram realizadas em 2012 e 2013, a propósito da pesquisa (SILVA, 2013) que desenvolvemos sobre a história da comunidade Macurany. Por ser morador da comunidade, já conhecia os entrevistados, o que possibilitou uma relativa espontaneidade por parte deles ao responderem as perguntas. Para isto colaborou também o fato de as perguntas serem abertas. Assim, as entrevistas foram gravadas e depois transcritas.

Ainda sobre o gênero em questão, vale dizer que se trata de um gênero secundário, próprio do domínio científico. Caracteriza-se pelo diálogo face a face entre no mínimo duas pessoas, o entrevistador/pesquisador e o(s) entrevistado(s), na modalidade oral da língua. A relação de poder entre estes geralmente não é simétrica, uma vez que o entrevistador conduz a entrevista tendo em vista seus objetivos, o que não impede a utilização de estratégias da parte dos entrevistados para, por exemplo, omitir, silenciar, ou enfatizar, acrescentar informações também de acordo com suas valorizações (FREITAS, 2009).

Antes de apresentar como o conceito de comunidade é construído pelos entrevistados, precisamos dizer que, enquanto entrevistador/pesquisador, no momento da entrevista, o conceito de comunidade que nos orientava eram aqueles encontrados na antropologia e na sociologia, como foi apresentado na seção 6 deste trabalho. Desse modo, as perguntas buscavam na memória dos moradores entrevistados informações sobre o modo vida e fatos históricos da comunidade referentes ao recorte temporal compreendido entre a década de 1950 e o ano de 2013.

Em contraposição àquelas noções científicas do conceito de comunidade, apresentaremos agora a noção que um casal de moradores construiu no trecho da entrevista abaixo:

Entrevistador – Já chamavam isso aqui de comunidade do Macurany, nesse tempo [antes de 1969]?

Sujeito 1 (esposo) – Não, não existia comunidade aqui não.

Entrevistador – A partir de quando começou a existir comunidade?

Sujeito 1 – Olha, eu não tô lembrado.

Sujeito 2 (esposa) – Mas nós já era casado quando...

Sujeito 1 – Já, nós era casado. Mas só o problema que a comunidade aqui não existia, **quem mexeu pra formar uma comunidade aqui foi o finado Walter Viana, ele tinha promessa com Santa Luzia, e remexeu, o pessoal atacaram ele pra ele dá lá a terra, sabe. Só que ele disse que não podia dá lá porque a promessa era dele, mas lá existia muito herdeiro, né. Então ele não podia doar uma terra que não era só dele. Aí foi na época que o finado Chico Andrade comprou aqui do Zé Alixandrino, aí ele adoou essa área de terra lá pra ele, lá pra comunidade, pra fazer comunidade aí. Era também tudo capoeira, aí foi tirado no avião, no machado e no terçado, aí fundemos essa comunidade aí. Mas deu muito trabalho, mas também hoje em dia tá...**

Entrevistador – E antes de existir esse barracão que fizeram, onde que o pessoal estudava, dava catecismo, tinha missa?

Sujeito 1 – aqui não existia isso, **não existia comunidade**, não existia sala de aula, não existia nada. Aonde andou... se fazia, algumas, algumas na semana, que vinha professora, era lá na Vila Prado.

O tempo a que fazemos referência na primeira pergunta desse trecho de entrevista diz respeito aos fins da década 1950 e início da década de 1960. E como está explícito, para esses sujeitos ainda não existia comunidade nessa época, uma vez que eles dão um sentido religioso à comunidade, associando a existência desta a presença oficial da igreja nesta localidade. Ou seja, para eles a comunidade só passa a existir quando foi construído um barracão em um terreno doado à igreja, onde concentraram-se as atividades de catequese, missas, novenas e etc.

À luz da perspectiva dialógica da linguagem, observamos que a expressão “*não existia comunidade aqui não*” (antes de 1969, quando a igreja ainda não tinha sido instalada oficialmente na localidade) marca a diferença entre o sujeito que a enuncia (para quem a comunidade só passa a existir depois da instalação oficial da igreja na localidade) e o outro sujeito (correspondente ao entrevistador, ou a qualquer outro sujeito), para quem, num sentido antropológico ou sociológico, a comunidade já existia naquela mesma época. Percebemos também que este enunciado responde negativamente a qualquer sentido de comunidade que não seja o sentido cristão católico, não considerando como comunitário aquele modo de vida já vivenciado por eles (os moradores). Isto é, nega uma noção de comunidade que esteja para além da religião e é atravessado por uma voz de perspectiva

católica, como podemos ver no recorte a seguir, no qual, para o sujeito 1, a iniciativa de fundar a comunidade aparece associada a uma promessa a Santa Luzia: “*quem mexeu pra formar uma comunidade aqui foi o finado Walter Viana, ele tinha promessa com Santa Luzia*”.

Este mesmo sentido religioso de comunidade é percebido em duas outras entrevistas, conforme a seguir:

Entrevistador – *Quando a senhora chegou aqui, como era aqui o local?*

Sujeito 3 (feminino) – *Aqui, aqui, aqui?*

Entrevistador – *É, aqui no Macurany.*

Sujeito 3 – *No Macurany?*

Entrevistador – *É.*

Sujeito 3 – *Ah sim, Macurany era uma, uma... não tinha nem comunidade, é, não tinha comunidade; porque, olha, aula, tive aula lá na casa do Viana, do Viana vieram pra dona Luiza, da dona Luiza que fizeram aquele barracão, do barracão foi que fizeram aquela igreja.*

.....

Entrevistador – *Lá onde era a Vila Cândida, que diziam antes? Não tinha um [lugar] aí que chamavam Vila Cândida?*

Sujeito 4 (feminino) – *Tinha, mas eu não sei onde era. Eu sei que tinha uns morador aí que a gente se deu a conhecer com eles lá na cabeceira, mas tudo matão mesmo, a gente andava só pelo mato mesmo. E lá foi que começou. Como o padre Gino viu que era mais feio pra ir pra lá por causa das crianças que iam estudar o catecismo, de lá como já tinha o barracão nosso aqui, aí ele mudou pra cá, pra minha casa, pro meu barracão ele mudou o catecismo. E essa Raimundinha que veio dá o catecismo aí. Daí que começou nossa comunidade aqui agora que é da Santa Luzia.*

Nestes dois casos, as moradoras também se referem ao que para elas é considerada a fundação ou início da comunidade, demonstrando uma regularidade na construção do conceito de comunidade com sentido religioso nas três entrevistas. Os sujeitos 3 e 4, da mesma forma que o sujeito 1, só admitem a existência da comunidade após a implantação da igreja.

Diante dessa constatação e pensando nas condições de possibilidade do aparecimento desses enunciados e não de outros com sentido diferente, uma explicação possível para isto está no fato de que a enunciação é, segundo Bakhtin (2009), de natureza social e determinada pelo contexto imediato ou mais amplo. Neste caso, o sujeito ao enunciar é afetado pela ideologia que constitui a sua identidade relativamente fixada

(Sobral, 2009), estando este inserido numa memória e história. Assim, podemos dizer que os sujeitos que produziram esses enunciados foram afetados pela ideologia cristã católica, sendo que esta constitui suas identidades. Tais enunciados são frutos de um processo social, cultural e histórico, como bem descrevemos na seção 7 deste artigo.

Ainda na perspectiva do dialogismo, acrescentamos que pelo fato de o ser humano não ter “acesso direto à realidade, pois a relação com ela é sempre mediada pela linguagem” (FIORIN, 2006, p.167), um discurso nunca se relaciona direto com as coisas (no caso analisado, à comunidade real), mas sempre a outros discursos. Assim, o que se vê nos enunciados é o confronto de deferentes pontos de vista sociais. Sabemos que na formação ideológica católica, a própria igreja é concebida como “uma comunidade de fiéis cristãos em comunhão na fé e nos sacramentos” (Catecismo da Igreja Católica, 1999, p. 240). Portando, daí decorre o sentido da palavra “comunidade” que, enquanto signo ideológico e no uso concreto em que foi tomada nos enunciados, serve aos interesses específicos do catolicismo, em detrimento de outros sentidos possíveis.

9 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tivemos como objetivo analisar à luz da perspectiva dialógica da linguagem o sentido de comunidade em narrativas orais de moradores da comunidade Macurany, procurando explicitar as vozes que as atravessam no processo de valoração e construção de tal sentido.

Para tanto, compreendemos o dialogismo, conforme proposto pelo Círculo de Bakhtin, como constitutivo da linguagem. Deste modo, o sentido foi apreendido do uso real da língua, em sua relação com a ideologia e em contexto sócio-histórico determinado. Assim, dado a forte influência da Igreja Católica na trajetória histórica da comunidade Macurany e na constituição da identidade dos sujeitos que produziram as narrativas analisadas, vimos nestes textos, enquanto superfícies discursivas, o sentido de comunidade decorrendo da formação ideológica cristã católica.

Nos recortes apresentados, os sujeitos não consideram como comunitário o modo de vida vivenciado por eles antes da presença oficial da igreja na localidade. Para eles, a comunidade só existe a partir da implantação oficial da Igreja Católica, em 1969, quando foi construído um barracão onde concentraram-se as atividades religiosas e sociais. Com este posicionamento/valoração, o sentido de comunidade aí construído nega qualquer outro que compreenda comunidade para além da religião.

Este resultado comprova que de fato a palavra é o signo ideológico por excelência, que ela pode servir a diversos interesses nos diferentes grupos sociais, no uso concreto da língua. Isto é observado aqui no uso da palavra comunidade, que neste caso específico adquire seu sentido a partir da perspectiva religiosa cristã católica.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M.M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. – 13ª ed. – São Paulo: Hucitec, 2009.
- _____. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra – 6º ed. São Paulo WMF Martins Fontes, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzen. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2003.
- BITTENCOURT, Antônio C. R. **Memória do Município de Parintins**. Manaós: Livraria Palam Roval, 1924.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado / enunciado concreto / enunciação. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 3ª ed. – São Paulo: Contexto, 2012.
- CATÓLICA, **Catecismo da Igreja**. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 1999.
- CERQUA, Arcângelo. **Clarões de Fé no Médio Amazonas**. Manaus, AM. Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1980.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de. **Recorrências e rupturas no gênero discursivo entrevista**: uma análise a partir do texto acadêmico. V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Caxias do Sul, RS, Brasil. ISSN 1808-7655. Agosto de 2009.
- MACIVER, M. R. & PAGE, Charles H (1955). “Comunidade e sociedade como níveis de organização da vida social”. In: FERNADES, Florestan. **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo. USP: 1973, Pp. 117-131.
- OLIVEIRA, Liliane Costa de. **Vida religiosa ribeirinha**: Um estudo sobre a Igreja Católica e Evangélica no Amazonas. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Amazonas, 2012.
- SILVA, Charlene Maria Muniz da. **Mocambo, Caburi, Vila Amazônia no município de Parintins**: Múltiplas faces do urbano e do rural. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade do Estado do Amazonas, 2009.
- SILVA, Almiro Lima da. **História da Comunidade do Macurany**: As problemáticas sociais decorrentes do crescimento da cidade de Parintins - AM. Programa de Apoio a Iniciação Científica-PAIC/CESP/UEA/ FAPEAM. Parintins, AM: 2012/2013.
- SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.
- WAGLEY, Charles. **Uma comunidade Amazônica**: Estudo do homem nos trópicos; tradução de Clotilde da Silva Costa. – 3. ed. – Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

WEBER, Max.- “Comunidade e Sociedade como estrutura de socialização” (1944). In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo. USP, 1973, pp.140-145.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise Discursiva 5, 6, 13, 19, 20, 24, 37, 244

Artes 2, 5, 210, 242

B

Biblioteca 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 272

C

Cárcere 6, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 88

Comentário online 7, 142, 143, 147, 148, 150, 153

D

Desafios 8, 14, 73, 178, 179, 181, 182, 191, 192, 210, 211, 227, 255, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280

E

Espaço 6, 15, 20, 30, 33, 43, 52, 54, 59, 62, 64, 67, 70, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 119, 120, 121, 142, 143, 146, 148, 149, 150, 156, 173, 201, 204, 208, 220, 235, 236, 243, 252, 256, 257, 261, 262, 263, 264, 265, 268, 269, 272, 277, 279, 281, 292, 294, 295, 296

F

Fábula 7, 166, 167, 173, 174, 175, 176, 177

Formação Docente 5, 8, 196, 200, 205, 225

G

Gêneros Textuais 5, 9, 11, 50, 118, 156, 157, 158, 159, 160, 164, 165, 177, 178, 190, 191, 193, 195, 196, 197, 298

Gestor 8, 242, 244, 252

I

Identidade 6, 5, 41, 48, 49, 59, 61, 66, 68, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 86, 180, 207, 226, 229, 240, 242, 243, 244, 245, 247, 253, 254, 282, 290, 292, 298

Interacionismo Sociodiscursivo 5, 6, 1, 2, 5, 12, 157, 158, 160

Internacionalização 5, 8, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 191, 192, 194, 196, 198

J

Juruna 6, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 37

L

Letras 2, 5, 11, 12, 14, 22, 36, 50, 78, 89, 108, 154, 164, 165, 172, 192, 197, 206, 207, 208, 209, 224, 236, 241, 242, 245, 256, 257, 261, 262, 271, 274, 283, 284, 296, 298

Libras 5, 8, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 282, 283, 285, 286, 287, 288, 290, 291, 292, 295, 296

Língua Portuguesa 7, 7, 26, 92, 93, 94, 107, 108, 110, 114, 115, 118, 119, 122, 126, 127, 131, 141, 166, 173, 177, 184, 200, 201, 205, 206, 208, 210, 211, 252, 256, 296, 298

Linguística 2, 5, 7, 1, 2, 3, 8, 11, 12, 15, 26, 28, 29, 36, 56, 72, 73, 88, 126, 127, 128, 136, 140, 144, 145, 150, 155, 156, 157, 158, 159, 162, 170, 180, 184, 185, 192, 196, 214, 218, 244, 254, 281, 282, 284, 298

Livro Didático 5, 7, 92, 94, 99, 100, 104, 107, 108, 114, 117, 118, 121, 123, 272

M

Mediação 8, 5, 6, 11, 98, 201, 204, 261, 284, 285, 286, 288, 290, 292, 294, 295, 296, 297

N

Narrativas Oraís 5, 6, 38, 39, 46, 49

P

Perspectivas 2, 5, 7, 8, 16, 20, 78, 88, 92, 93, 94, 104, 107, 126, 140, 152, 158, 173, 176, 198, 231, 234, 255, 282

Petição Inicial 7, 155, 157, 160, 161, 162, 163, 164

Professor 8, 2, 3, 96, 98, 99, 107, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 161, 163, 166, 171, 172, 173, 176, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 216, 219, 220, 222, 224, 226, 227, 228, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 247, 252, 260, 261, 262, 267, 268, 298

S

Saberes Científicos 2, 5

Saberes e Práticas 6, 26

Signo 6, 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 25, 38, 39, 40, 41, 43, 49, 144, 145, 257

Surdez 278, 279, 280, 284

T

Tempo 6, 7, 10, 22, 27, 36, 40, 43, 44, 47, 59, 60, 61, 67, 68, 70, 72, 74, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 113, 157, 159, 160, 163, 173, 174, 180, 201, 204, 205, 216, 232, 234, 235, 240, 242, 246, 247, 248, 252, 260, 261, 262, 263, 266, 268, 292

Toadas 6, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 24

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 5

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 5

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 